

“Não tava parado no fluxo”: sobre funk, adesão e movimento

Réia Sílvia Gonçalves Pereira

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: A intenção do artigo é analisar os sentidos de adesão ao funk, entendido aqui como estilo juvenil. Compreende-se que a identificação ao estilo ocorre de forma dinâmica e diversa. Existem nuances que revelam numerosos “níveis” de adesão, atestando a ambivalência entre individualização e identificação coletiva. No texto, serão apresentadas entrevistas com jovens, os quais apresentam diferentes formas de se relacionar com funk, revelando a complexidade das relações entre consumo, produção de cultura e

Palavras-chave: juventudes; estilo de vida; adesão

Introdução

Valéria¹, de 19 anos, moradora do bairro São Pedro, Região Sul de Vitória se define como “funkeira mesmo”, frequenta bailes funk desde os 16 anos, pertence a um grupo de dançarinas e afirma que sua filha, Pâmela, será uma funkeira como a mãe

Tiago² gosta de ouvir funk. Eventualmente participa de baile, mas não se identifica como funkeiro tampouco usa roupas que remetem ao estilo³. Para ele “funkeiro é aquele que participa de todos os bailes e só gosta de um tipo de música”

Valéria e Tiago não são exemplos de pesquisa. São sujeitos, dotados de autonomia e especificidades. No entanto, os pontos das trajetórias de ambos foram apresentados para demonstrar que cada qual à sua maneira, possui algum nível de adesão ao estilo de vida funk. E, em sentido, mais geral, essa é a intenção desse trabalho, qual seja, discutir os sentidos de adesão ao funk, entendido aqui como estilo juvenil (Pais, 2003)

Em resumo, compreende-se que a identificação ao estilo ocorre de forma dinâmica e diversa. No texto, serão apresentadas entrevistas com jovens, os quais apresentam

¹ Nome fictício. Informações obtidas em entrevista realizada em janeiro de 2013

² Nome fictício. Informações obtidas em entrevista realizada em janeiro de 2013

³ De acordo com o entrevistado, boné de aba reta, chinelos e bermudas e correntes de prata. Ver (Mizrahi, 2007)

diferentes formas de se relacionar com funk, revelando a complexidade das relações entre consumo, produção de cultura.

2. Juventude e juventudes

*“É, eu sei que a juventude atual mudou, infância não existe mais, acabou”*⁴. A simplicidade dos versos do funk revela uma importante questão para o estudo de um estilo de vida juvenil. Em primeiro lugar é preciso destacar que as formas de se vivenciar e de apreender a juventude variam histórica e socialmente. Autores como Pais(2003) Peralva (1997), Abramo (1994) advogam que a juventude aparece como uma categoria socialmente destacada nas sociedades industriais modernas.

Ariès (1981) destaca que, a partir do século XV, os humanistas e religiosos proliferam teorias e práticas que distinguem a infância da juventude e da vida adulta. Concomitantemente a isso, o crescimento do ensino que separa as crianças e os jovens dos adultos. Somente ao fim do século XIX surge, nas classes burguesas, o termo adolescência, como o resultado de uma sociedade capitalista e industrializada, com a intenção de demarcar o início da segunda infância, definindo a idade para além dos 13 anos.

Foi com os estudos da Escola de Chicago, na década de 1920, que a juventude passou a ser reconhecida em sua transitoriedade. Em Mannheim, há o destaque para o conceito de geração. A juventude traria sempre o caráter contestatório do processo de afirmação de cada geração.

Pierre Bourdieu (1983), ao proclamar que a “juventude era apenas uma palavra” ampliava a questão ao reconhecer o caráter puramente sociocultural e histórico da categoria”. A juventude, na medida em que é reconhecida socialmente como tal, torna-se uma categoria sujeita a manipulações de toda ordem. “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém”, afirmava o teórico francês. (p.113).

(...) a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida

⁴ Eu sei. MC Felipe Boladão

biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU. 1983, p. 113).

Em outro sentido, Margulis e Uresti (1996) contestam Bourdieu e afirmam que arvorar de forma absoluta apenas o sentido cultural da juventude subestima-se a concepção as singularidades a própria condição juvenil. Se as concepções sobre juventude variam ao longo do tempo, no contexto contemporâneo, a experiência geracional enquanto representação social da modernidade legitima-se, enfatizando-se, assim, a singularidade histórica de uma experiência inovadora.

José Machado Pais (1990), em uma tentativa de síntese, aponta que as conceituações a respeito da categoria variam entre uma perspectiva doxa, que categoriza a juventude em critérios objetivos como a faixa etária e geracionais, e um perspectiva heterodoxa, a qual a concebe como um conjunto social diversificado

O que Pais coloca em perspectiva é que ambas as concepções de juventude, ora enfatizando o critério “geracional”⁵, ora destacando o critério da “diversidade”, são insuficientes. Para o autor é necessária uma articulação ente as duas correntes, em que os estudos devem ter em consideração a diversidade entre as formas de se vivenciar a juventude em suas singularidades, mas não se pode abrir mão do reconhecimento da experiência geracional que atravessa o campo.

Assim, a categoria juventude deve ser concebida em seu sentido plural. Existem variadas formas de ser jovem. São juventudes que se revelam a partir dos diversos sistemas de interação, como classe, família, origem social.

“torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos—porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interacções, que os jovens constróem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção. Mais que fazer uma dedução dos «modos de vida» dos jovens a partir de um «centro»

⁵ As Nações Unidas entendem os jovens como indivíduos com idade entre 15 e 24 anos

imaginário correntemente identificado com uma cultura dominante (de gerações ou de classes), parece ser preferível estarmos prioritariamente abertos a uma análise ascendente (passe a expressão) dos modos de vida dos jovens, partindo dos seus infinitesimais mecanismos, das estratégias e táticas quotidianas, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados” (Pais, 2003, p. 70)

Neste texto, corroboro com Pais ao empenhar o esforço em olhar a juventude em torno de dois eixos: como aparente unidade e como diversidade. A juventude é plural, é um construto social heterogêneo e deve ser analisado na perspectiva do cotidiano e do percurso individual. Rompendo, assim, com a ideia de grupo homogêneo. É possível falar em juventudes, buscando construir uma noção de juventude pela ótica da diversidade, por meio do cotidiano e das singularidades dos percursos individuais.

torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos—porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação. Mais que fazer uma dedução dos «modos de vida» dos jovens a partir de um «centro» imaginário correntemente identificado com uma cultura dominante (de gerações ou de classes), parece ser preferível estarmos prioritariamente abertos a uma análise ascendente (passe a expressão) dos modos de vida dos jovens, partindo dos seus infinitesimais mecanismos, das estratégias e táticas quotidianas, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados” (Pais, 1993, p. 70)

Desta forma, a trajetória de vivência da juventude perde seu caráter linear. As experiências juvenis dependem de escolhas delimitadas a um campo socio-cultural específico, e tais escolhas são dinâmicas e, muitas vezes, contraditórias. Pais utiliza a metáfora do ioiô para descrever esse trânsito.

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para os retomar tempos depois; encontram um emprego e em qualquer momento se vêem sem ele; suas paixões são como “vôos de borboleta”, sem pouso certo; casam-se, não é certo que seja para toda a vida... São esses movimentos oscilatórios

e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. Como se os jovens fizessem das suas vidas um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios. (Pais. 2006, p.09)

Pactuo, então com a definição de Juarez Dayrell (2007), que opta pelo termo “condição juvenil” para descrever as diversas dimensões da vivência da juventude na sociedade

Temos de levar em conta também que essa condição juvenil vem se construindo em um contexto de profundas transformações sócio-culturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, fruto da resignificação do tempo e espaço e da reflexividade, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura do social. (DAYRELL,2007, p.1107)

2.1 funk como grupo de estilo juvenil

Desde o início deste texto, afirmo que o funk é um estilo de vida juvenil. Tal categoria tem um sentido difuso. Juarez Dayrell, amparado em Giddens, associa estilos de vida juvenis a expressões simbólicas difusas.

fica evidente que a noção de "estilo de vida" é mais ampla e engloba a noção de "estilo". O estilo rap e, como veremos, também o estilo funk, tomados como expressão simbólica das culturas juvenis, são parte de um estilo de vida, sendo, porém, o eixo em torno do qual o articulam. Assim, podemos falar em um estilo de vida rap e em um estilo de vida funk. (DAYRELL, 2005, p.98)

Tais expressões simbólicas apresentadas por Dayrell podem ser descritas com os símbolos estéticos de cada estilo. Assim, preciosa é a definição de Pais(2008), para quem tais símbolos e aparentes recebem uma dupla conotação. Como máscaras, remetem a códigos de pertencimentos, cujo sentido é restrito ao grupo. Como bandeiras, os estilos revelam que são uma forma comunicativa que expressam mensagens específicas aos demais contextos sociais.

Como vemos, os estilos aparecem frequentemente como máscaras cujo significado depende dos contextos cotidianos de uso. Os mesmos símbolos culturais podem ter significados distintos(...)No trilho interpretativo que temos vindo a seguir, as «poupinhas» ou cortes de cabelo, os medalhões, ou as vestimentas exóticas juvenis transportam significados secretos que expressam, em código, uma forma subtil de resistência à ordem dominante que, aliás não deixa

de garantir a continuidade de formas de subordinação cultural”.(PAIS, 2008, p.238)

Coloca-se aqui a questão do pertencimento em perspectiva. Para Pais (idem) e Dayrell(2005), o envolvimento e adesão aos grupos de estilo variam segundo as especificidades individuais. Ou seja, o envolvimento depende da relação individualizada que cada um estabelece com o estilo e “a abrangência deste na determinação dos modos de agir e na autoidentidade” (DAYRELL, 2005, p.121)

Em outro trecho, Dayrell comenta sobre essa possibilidade de “identificação”:

É importante frisar que o estilo de vida não é algo que se "transmite"; ao contrário, é adotado a partir de uma escolha entre uma determinada pluralidade de opções possíveis. Giddens, numa compreensão semelhante àquela de Melucci, afirma que o estilo de vida situa-se no terreno existencial da vida na modernidade tardia, que tem como uma das características centrais a dimensão da escolha. Nesse sentido, afirma que todos não só buscam um estilo de vida, mas são quase forçados a buscar, ou seja, *não existe outra escolha senão escolher*.

No entanto, essa *escolha* destacada por Dayrell obviamente não é absoluta. Evitando caminhar por um individualismo absoluto, destaco o conceito de campo de possibilidades(VELHO, 1994). De caráter quase autoexplicativo, campo de possibilidades pode ser descrito como as alternativas simbólicas e materiais do contexto social e cultural no qual o sujeito está imerso. Nos dizeres de Velho, [...]campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (VELHO, 1994, p. 28).

Novamente, as palavras de Dayrell apresentam uma forte qualidade sintetizadora:

“Para esses jovens, aderir ao funk significa uma escolha, condicionada pela própria condição juvenil e o campo de possibilidades com o quais se deparam. Os fatores são semelhantes aos do rap: a atração pelo ritmo e pela dança, a inexistência de maiores pré-requisitos para a produção musical e a influência da mídia.(...) Assim, a escolha pelo funk expressa determinada forma de vivenciar a condição juvenil, com ênfase na diversão e na alegria que os bailes representam.(...) Por meio dos bailes e shows,

estabeleceram uma rede de relações amplas – os conhecidos – que não possui uma estrutura de coesão tão forte entre aqueles que dela participam: reconhecem-se no funk, compartilham situações lúdicas, encontram-se nos bailes, sentindo-se parte de uma rede simbólica (DAYRELL, 2005, p.132)

Assim, mesmo que os vínculos estabelecidos entre os grupos de estilo sejam sutis e efêmeros, o funk consegue se estabelecer como um meio de sociabilidade para os segmentos juvenis, configura-se como mecanismo de afirmação a muitos destes jovens enquanto sujeitos:

“Essas considerações indicam que a identidade que esses jovens constroem como funkeiros é fluida e efêmera, uma imbricação com elementos simbólicos apropriados da cultura popular, da indústria cultural em geral, como manifestação cultural híbrida. Essa identidade apresenta-se como uma fronteira provisória e móvel, operando a partir de múltiplos registros na construção mais ampla de uma identidade desses sujeitos como jovens. Podemos dizer que o funk é parte de determinado estilo de vida juvenil, um marco identitário que contribui para que esses jovens possam vivenciar e se afirmar como sujeitos numa determinada fase da vida”. (DAYRELL, 2005, p.172-173)

Nesta esteira, uma interpretação permite aproximar o funk ao conceito de *fugitive cultures*, de Giroux (1996). Para Giroux, *fugitive cultures* seriam as estruturas juvenis que constroem sentidos de identificação, estes, construídos diariamente, dentro da experiência cotidiana do subgrupo. O conceito de *fugitive cultures* refere-se ao processo de apropriação e de reinterpretação de expressões culturais dentro de outro contexto específico, possibilitando o surgimento de uma cultura híbrida, forjada em expressões culturais formadas a partir da reinterpretação local de uma manifestação global. Assim, os signos que remetem ao funk são transnacionalmente difundidos, recebendo significados específicos em cada contexto, no qual é reinterpretado, em um processo dotado de zonas de conflito, de negociações e de acomodações. Assim, é possível que as manifestações do funk do Rio de Janeiro, já híbrido e mediado, seja novamente reinterpretado nas periferias de Vitória. Cultura de evasão designa ao tanto uma formação rígida, mas um conjunto de experiências dinâmicas e conflituosas enraizadas na cultura juvenil working-class marcada pelos fluxos e intervenções incertas da vida do dia-a dia (GIROUX 1996, apud Fradique, 2003).

“Não quero ser “espera tapa” de polícia”: as representações do Funk e as “escolhas”

Entendendo o funk como estilo de vida cuja adesão envolve escolhas individuais envoltas em um campo possibilidade, a pergunta óbvia é entender quais são as referências simbólicas relacionadas ao estilo. Início a discussão ao situar o funk como expressão da cultura popular (Hall, 2003). Nesta perspectiva, as culturas populares são que se estabelecem em um âmbito profundamente simbólico, ancorado em representações, por meio das quais nos reconhecemos e nos identificamos.

Essa cultura popular, mercantilizada e estereotipada como é frequentemente, não constitui, como às vezes pensamos, a arena onde descobrimos quem realmente somos, a mente mítica. É um teatro de desejos populares, um teatro de fantasias populares. É onde descobrimos e brincamos com as identificações de nós mesmos, onde somos imaginados, representados, não somente para o público lá fora, que não entende a mensagem, mas também para nós mesmos pela primeira vez (HALL, 2003, p.348).

Retomando as ideias de Hall (2003), entre as representações do senso comum associadas ao funk, está a construção de um estereótipo que remete à ignorância, à promiscuidade e à criminalidade.

O funk, na medida em que alcançou destaque inusitado no cenário midiático, foi imediatamente identificado como uma atividade criminosa, uma atividade de gangue, que teve nos arrastões e na “biografia suspeita” dos seus integrantes a “contraprova” que comprovaria esse tipo de acusação (HERSCHMANN, 2000, p. 51).

Atenta à ambiguidade e às contradições próprias das culturas populares é preciso destacar, também, que o funk está imerso na lógica da indústria cultural. Como afirma Herschmann (2000), “a mesma mídia que demoniza é aquela que abre espaço nos jornais e programas de televisão”(idem, 2000,p.90). Por outro lado, a própria **estigmatização** em torno do gênero pode ter contribuído para seu florescimento, possibilitado por um sentimento de compartilhamento de códigos e de identificação.

[o funk] exerce um enorme fascínio sobre um grande número de jovens que parecem ter encontrado nesses grupos sociais, na sociabilidade e nos estilos que promovem formas fundamentais de expressão e comunicação (HERSCHMANN, 2000, p. 20).

Desta forma, como manifestação da cultura popular negra, o funk revela-se em toda sua força e vulnerabilidade. Talvez, o fato mais importante a se destacar é o vigor demonstrado pelo fenômeno em se adaptar e se estabelecer no cenário do consumo cultural, contexto caracterizado pela volatibilidade de seus conteúdos. Como “som de preto e de favelado”, com todas as incoerências e caráter contestatório de tal qualificação, o funk prossegue como alternativa identitária e afirmativa para muitos dos jovens brasileiros pobres e negros.

Neste processo de identificação que ocorre no âmbito cotidiano e de acordo com as especificidades pessoais, podemos encontrar “funkeiros” como Valéria, retratada no início deste texto, que se assume entanto tal e demonstra uma intensa adesão ao estilo de vida.

“Sou funkeira mesmo. E minha filha, a Pâmela, vai ser funkeira igual à mãe. Ah, só ouço funk, o dia inteiro(risos). Meus amigos são todos funkeiros. Conheço um monte de Mc’s (..) e não só daqui não. As pessoas me conhecem nos bailes” (Informação Verbal⁶).

Ou ainda há casos como da estagiária Renata de 16 anos, que embora aprecie o estilo e as festas funk, não se identifica como “funkeira”

“Gosto de funk. Não de tudo, mas gosto sim de funk. Não sou funkeira não (risos). Não uso aquelas roupas, nem vou aos bailes, minha mãe não deixa. Mas a gente faz uns roqueizinhos, sabe? Tipo festa. Só toca funk” (Informação Verbal)⁷.

Como exemplo das possibilidades de adesão oferecidas pelo funk apresento um pequeno relato da trajetória de Karen Costa. Conheci a jovem no início da pesquisa, quando aos 14 anos se apresentava nos principais bailes da Região Metropolitana da Grande Vitória. Afirmando fazer um funk que serve para “conscientizar”, Karen recusava-se a tocar “proibidão”⁸

“Não canto “proibidão” não, hein? Meu rap tem letra, é feito para conscientizar. Sou mulher e mc, mas não faço como as mulheres-frutas que usam roupinhas curtas para se mostrar para os homens. O verdadeiro funk não é isso (Informação Verbal)⁹41.

⁶ Entrevista realizada com Daiane, moradora do bairro São Pedro em março de 2014.

⁷.Entrevista realizada com Renata, moradora de São Pedro em novembro de 2014

⁸ Sobre o “proibidão”, pode-se dizer que é uma vertente do funk, “na qual a associação com o narcotráfico é evidente. Suas letras expressam o cotidiano das disputas de poder entre facções, os códigos de conduta dos grupos, além de detalharem os nomes de donos das bocas. É uma exaltação ao estilo de viver dos “vida loka”, ou seja, jovens que tem relação direta com o tráfico e atividades criminosas (FACINA, 2011)

⁹ Entrevista realizada com Karen, em novembro de 2013

Nestes anos de pesquisa, acompanhei a carreira de Karen, que se mostrou relativamente exitosa. Hoje, aos 16 anos, a jovem já se apresentou em bailes em outros Estados e participou de programas de televisão..

Outro exemplo do funk como possibilidade de expressão juvenil é a trajetória do MC Gabriel Charuto. O MC fez grande sucesso nos anos 2000 em Vitória cantando a vertente “proibidão”. Um exemplo célebre é o rap do “Vale Encantado”, bairro conhecido pelo elevado índice de homicídio de jovens.

*Vale encantado, dono do poder eterno/ bairro amaldiçoado, renascido do inferno/ Somos a pura maldade, o terror, a maldição/ Para o Vale invadir, dj, solta o pancadão*¹⁰

Atualmente, aos 31 anos, Gabriel Charuto não se considera mais um “funkeiro”, embora ainda aprecie o funk:

*Sou adulto, mas ainda gosto muito de funk, não me considero um funkeiro pelo fato de não estar envolvido em nada, tipo um projeto ou cantando, ou até mesmo frequentando bailes*¹¹

Sobre o que considera ser funkeiro, Charuto afirma:

*é como em qualquer outro estilo tem pessoas q se dedicam mais, por exemplo criam projeto, se apresentam para expandir mais a cultura, ou até mesmo mudar o pensamento d outras pessoas*¹²

Outro exemplo de adesão possibilitado pelo ao funk é o caso do taxista Jorge¹³, de 20 anos, embora afirme gostar de ouvir as músicas “de todos os estilos de funk” eventualmente participe de baile, Jorge não se identifica como funkeiro e tampouco usa roupas que remetem ao estilo:

¹⁰ Rap do Vale encantado. MC Gabriel Charuto, 2009

¹¹ Informação verbal obtida em entrevista em setembro de 2015

¹² idem

¹³ Nome fictício

Eu não uso roupa de funkeiro não, nem boné eu uso. Não quero ser “espera tapa” de polícia¹⁴

3. Conclusão

Por meio das discussões teóricas e das entrevistas, concebe-se que a adesão ao funk varia de acordo com as subjetividades, revelando a ambivalência entre individualização e identificação coletiva. Dessa forma, por seu dinamismo, o estilo funk pode ser entendido como um processo de identificação. Também se coloca em perspectiva a complexidade das relações entre consumo, produção de cultura. O funk enquanto fruto da cultura popular revela sua complexidade também pelas representações e estereótipos no nível do senso comum. Também faz parte do campo de possibilidades para grande número de jovens. Estes, dotados de autonomia e possibilidades de escolha, podem aderir ao estilo como forma de expressão de lazer e artística. Entre o “funkeiro” mais entusiasta e o jovem que apenas nutre simpatia ao estilo existem nuances que revelam numerosos “níveis” de adesão, atestando a ambivalência entre individualização e identificação coletiva. É o fluxo do funk. Indetenível e instigante.

Referências

BOURDIEU, P. *A “juventude” é apenas uma palavra*. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1983.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da Juventude em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

_____. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007

¹⁴ Informação verbal obtida em entrevista em agosto de 2015

CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

FACINA, Adriana. *“Eu só quero é ser feliz”*: quem é a juventude funkeira no Rio de Janeiro?. In: Reis, Lívia; Figueiredo, Eurídice. (Org.). *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro/Santiago. ed. 7 Letras/Usach, 2011.

FRADIQUE, Teresa (2003), *Rap como Cultura de evasão: consumo, música e formas urbanas de multiculturalidade juvenil* in *Fixar o movimento – Representações da música rap em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, Cap. 2, pp. 57-75

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hiphop invadem a cena*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra: La juventud es mas que una palabra. In: Mario MARGULIS (org). *La juventud es más que una palabra: La juventud es más que una palabra*. Estudios Sociales. Buenos Aires. Ed. Biblos, 1996. p. 13-31.

MIZRAHI, Mylene. Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 13, n. 28, p. 231-262, Dec. 2007 .

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.
_____. *Máscaras, jovens e "Escolas do Diabo"*. Rev. Bras. Educ. , Rio de Janeiro, v 13, n. 37, abril de 2008.

VELHO, Gilberto: *Projeto e metamorfose*.. Rio de Janeiro: Zahar. 1994.